

Renato Mendes¹

Este texto teatral é um diálogo reflexivo com a emergência social de movimentos coletivos de derrubada de estátuas que homenageiam e fisicalizam o poder dominante em diferentes territórios nacionais pelo mundo. Nele, entende-se que a disputa pelo simbólico não é uma luta abstrata, mas parte material da luta narrativa que insurge contra a visão única de mundo imposta pela hegemonia. Assim, busca-se um paralelo histórico recente com a experiência da tática black bloc, adotada por movimentos autônomos no território ocupado pelo Estado Brasileiro nas jornadas de junho de 2013.

O tempo é um futuro próximo, em que as políticas repressivas do Estado, em aliança ou conivência das forças progressistas institucionais, geraram uma nova forma de democracia totalitária. Uma jovem ativista, reminescente solitária das lutas sociais ingovernáveis, busca derrubar uma estátua de um bandeirante, fundador de uma pequena cidade hipotética e fictícia. Em quatro quadros e um estásimo, o texto busca os limites éticos e estéticos da luta histórica e da luta contra a história.

Durante o primeiro quadro, uma alegoria do ingovernável, busca contrapor a paz armada, adotando o lema faça você mesmo. Reprimida, acaba salva das mãos da polícia por um habitante da rua. O segundo quadro é um diálogo entre as alegorias da revolta e da população fragilizada. O morador, ora ingênuo, ora consciente questionador, troca aprendizados com a ativista. No terceiro quadro, a ativista dança sua revolta, tentando e falhando em contornar ou embater a força policial. Um estásimo interrompe a obra, trazendo operários anacrônicos, simbolizando uma organização social que não consegue acompanhar a modernização do capitalismo tecnológico e subjetivo a que se contrapõe e, por isso, redundante em sua coreografia incessante e exaustiva. De volta ao enredo, o quarto quadro embate monumentos e escatologia, e conclui que a disputa pelo simbólico precisa estar além da própria linguagem.

¹ Ator, dramaturgo e professor de teatro. Mestrando no departamento de Linguagem e Arte em Educação pela FE-Unicamp. Formado em Licenciatura em Arte-Teatro pelo IA-Unesp. Integra o grupo de pesquisa Laboratório Insurgente Maquinarias Anarquistas - LIMA.
Email: renatomendesdeazevedosilva@hotmail.com.

Proibido destruir

*Não são os rebeldes que criam os problemas do mundo,
mas os problemas do mundo que criam os rebeldes.
A rebeldia é a vida. A submissão, a morte.*

Ricardo Flores Magón

Personagens:

Policial – não faz a menor diferença se civil ou militar

Bloc – mulher ativista, adepta da tática black bloc

Morador – que não mora, habitante da rua

Trabalhador do município

Três operários anacrônicos

Cenário:

Praça central de uma cidade suburbana. Ao centro, uma lona ao chão serve de piso para objetos empilhados que representam uma estátua, monumento em homenagem ao Grande Bandeirante Nobre Bandeira. Na base da estátua, letreiros eletrônicos transmitem o título de cada quadro. Ao canto, um capô de uma viatura representa um carro policial, nunca faz diferença se civil ou militar. Em outro canto, pequena plataforma formando um piso de tijolos, com bandeiras rubras, negras e rubro-negras, com garrafas e pedras portuguesas à disposição. Num terceiro canto, bem de frente para a estátua, uns poucos cobertores de tecido barato, sujo e roto e um saco de lixo semiaberto, com algumas peças de roupa dentro.

Ato único

Quadro 1 - A primeira pedra

(Policial, fardado, está de pé, montando guarda em frente à viatura. De vez em quando olha se não tem ninguém em volta, apoia no veículo para descansar as pernas, suspira e depois retoma a postura. Em meio aos cobertores rotos, um Morador se aconchega, trajando roupas de retalhos coloridos, tão sujas e gastas quanto tudo a sua volta e ele próprio, além de um chapéu tipo borsalino razoavelmente preservado lhe cobrindo os olhos, usando o saco de lixo como travesseiro. Por um bom tempo, nada mais acontece. Entra pela plataforma de tijolos uma ativista trajada de casaco moletom e calças pretas, um capuz preto estilo passa-montanhas, luvas, óculos de proteção e coturnos com seus cadarços traçados em “x”. Não se vê a sua pele, mas escapa uma mecha de cabelo vermelho pelo canto do capuz. Luz de penumbra. Bloc recolhe uma pedra portuguesa do chão e atira discretamente para longe, fazendo barulho. Policial se afasta da estátua para investigar o som. Morador se ergue e observa atenta e discretamente Bloc, que escala a estátua ao centro da cena e, com uma serra, tenta decapitá-la, com dificuldade. Policial volta.)

MORADOR *(Sussurrando, para si.)* – Merda.

POLICIAL *(Notando Bloc e a iluminando com uma lanterna.)* – Merda! Desce daí, maluco! *(Corre até ela, tirando sua arma do coldre.)*

BLOC – Merda! *(Deixa a serra cair no chão. Desce da estátua num salto, tentando deixar a estátua entre si e o Policial. Policial a persegue, rodeando a estátua.)*

POLICIAL – Não vai inventar essa moda por aqui, não! Vocês já causaram o que tinham que causar! Em que ano você acha que a gente ainda está? Essa porra já acabou! Perdeu, moleque!

BLOC *(Engrossando a voz.)* – Perdeu você, verme! Traidor de classe! *(Lança uma pedra contra o Policial, mas erra. Policial, reage disparando, mas acertando a estátua. Os dois param.)*

POLICIAL – Está achando que isso aqui é brincadeira? Acabou pra sua turma já faz tempo. Isso aqui não é de borracha, não. Tâmo liberado! Vou te mostrar o que se faz com terrorista. *(Bloc finta fugir para um lado e corre para o outro, enganando o Policial, mas tropeça num pedaço de madeira no chão. Policial a encurrala, apontando a arma para seu rosto. Bloc arregança a manga, mostrando sua pele branca. Policial rosna e muda o alvo para suas pernas.)* Está achando que vai fugir? *(Morador pega um pequeno saco de papel e o estoura, distraindo o*

Policial. Bloc pega o pedaço de madeira e quebra na sua nuca, derrubando-o, e sai de cena correndo, pela plataforma de tijolos. Policial levanta zozzo, procurando.) Moleque desgraçado. Não estava sozinho o filho da puta? Se eu pego a sua turma não dou tiro de aviso, não. Essa cidade agora é outra. Não vai ter pra você nem pros seus. (Vai até a viatura e aciona o rádio.) Central? Patrulha de patrimônio. Ataque de black bloc na Praça Nobre Bandeira. Tentaram depredar a estátua. Isso mesmo, ataque de black bloc. Eu sei. Não. Só um. Um, sozinho. Eu sei. Não. Escapou. Foi ajudado. Houve um estouro. Sim, era só um. Eu só vi um. Mas alguma coisa estourou. Não vi nenhum outro. Não dá pra dizer que são vários. Sim. Está ok. Vou manter a vigília. (Vê a serra no chão e a recolhe.) Esta cidade não vai parar de novo. (Para a estátua.) Fica tranquilo, seu Nobre. O senhor está seguro comigo. Esta cidade não vai parar de novo.

Quadro 2 - Aqui não é igreja

(Luz sinaliza um novo dia. Policial mantém sua vigília. Morador se levanta, vai ao centro da cena, ao pé da estátua, e defeca. Policial olha com o canto do olho, mas não reage. Bloc reaparece, sem capuz, luvas ou óculos, carregando algumas marmitas e panfletos. Assiste curiosa. Morador se limpa como pode, deixando seu cocô no pé da estátua, e volta para os seus cobertores.)

BLOC - Bom dia, amigo. Está com fome?

MORADOR - Claro que estou! Acabei de esvaziar o tanque. Isso daí é pra mim?

BLOC (*Dando-lhe uma marmita e um panfleto.*) - É sim.

MORADOR (*Estranhando o panfleto.*) - E isso aqui? É da igreja?

BLOC - Não, amigo. É só um panfleto com umas dicas de higiene e alimentação barata, e de como se juntar em grupos.

MORADOR - Juntar em grupos? Então é da igreja!

BLOC - Grupos para se ajudar. Se organizar. Não precisa ficar com o panfleto, se não quiser. É só um brinde com a comida.

MORADOR (*Abrindo a marmita e comendo com as mãos.*) - O pessoal da igreja também dá marmita, mas tem que ouvir a pregação deles em troca. Já saí fugido de seis albergues. Tive que pular o muro e correr dos cachorros. Foi-se o tempo em que era só entrar, fingir que estou sóbrio, fingir que rezo, comer e sair. Gostoso isso daqui. O que é?

BLOC - É alimento orgânico, sem produto químico.

MORADOR – Adoro comida vegana.

BLOC – Mesmo?

MORADOR – Claro! Tem muito mais variedade de sabor. (*Silêncio.*) Que foi? Não posso entender de nutrição?

BLOC – Não é isso. Eu não quero ser desrespeitosa.

MORADOR – Então não seja.

BLOC – O policial não te impediu...

MORADOR – De cagar?

BLOC – É. Por quê?

MORADOR – Você é nova na cidade, não é?

BLOC – Sou.

MORADOR – Não vai pensar que o policial vai ser bonzinho com quem mora na rua. Muito pelo contrário. Ele só não viu ameaça ao patrimônio público.

BLOC – Mas você cagou na estátua.

MORADOR – E a pomba faz o que com a mesmíssima estátua? (*Silêncio.*) Nós, bichos, podemos cagar nas estátuas. É pra isso que elas foram construídas. Se eu ainda fosse gente, aquele gambé já tinha dado um jeito de eu nunca mais cagar na vida.

BLOC – Eu não te vejo como bicho.

MORADOR – E que me importa como você me vê? (*Silêncio. Bloc junta suas outras marmitas e panfletos e faz menção de ir embora.*) Ele não atirou em você porque achou que era branca. Mas vendo agora a sua cara, acho que tem alguma coisa de japonesa aí no meio.

BLOC – Eu não sei do que você está falando.

MORADOR – Por que você quer quebrar a estátua?

BLOC – Eu não sei do que você está falando. (*Outra menção de partir.*)

MORADOR – De nada.

BLOC – O quê?

MORADOR – Por distrair o gambé e salvar teu coro. De nada. (*Silêncio.*) E então? Por que você quer quebrar a estátua? Está querendo me deixar sem banheiro?

BLOC – Você me entende se eu disser que é uma disputa pelo simbólico?

MORADOR – Do que você chamou o gambé ontem, antes de dar com o pau nele? Traidor de classe? Por que eu não entenderia o que você fala? Isso é preconceito classista, moça. Você é corajosa, mas muito grosseira.

BLOC – Eu não quis... desculpa.

MORADOR – E como é que eu vou tirar qualquer culpa sua? A igreja fica pra lá.

BLOC – Você sabe de quem é aquela estátua?

MORADOR – É do “dono da praça”, né? O Grande Bandeirante Nobre Bandeira. Dizem que foi um herói. “Casou com uma índia”. “Fundou a cidade”. Essas coisas.

BLOC – É por dizerem que é um herói que fizeram uma estátua. E é por existir essa estátua que dizem que é um herói. Ele representa o mundo que eu quero destruir. Um mundo feito em cima de extermínio, de chacina, de violência sexual e de dinheiro, que calou todas as suas vítimas e vendeu uma narrativa única de heróis, de bem contra o mal, de homens brancos ricos pisando em homens brancos pobres, e fazendo estes pisarem em todo o resto embaixo deles. Um mundo onde não cabem outros mundos. E um mundo que tenta exterminar a mim, e a você mais que a mim, todos os dias.

MORADOR – E quebrando a estátua você vai transformar este mundo?

BLOC – O nosso imaginário está sequestrado, amigo. “Eles” têm as armas e as estátuas. E os capangas. Eu passei boa parte da minha vida achando que lutar era impossível. Destruir um monumento não transforma o mundo, mas pode ser uma faísca. Do mesmo jeito que essa estátua nos lembra todo o dia quem são os vencedores, arrancar a cabeça delas pode nos lembrar que a luta ainda não acabou. Eu quero começar um incêndio.

MORADOR – Faz uns bons anos que ninguém faz o que você está tentando fazer por aqui. Vocês já foram mais.

BLOC – E também já fomos menos. Não faz tanto tempo, nós paramos a cidade, todas as cidades, o país.

MORADOR – E as estátuas continuam aí.

BLOC – Vamos ver por quanto tempo. Não é a melhor coisa agir sozinha, mas é melhor do que ficar parada, morta.

MORADOR – Morta você vai ficar se insistir nessa disputa pelo simbólico. Eles não precisam mais usar munição não letal. E as armas e as balas não são nem um pouco simbólicas.

BLOC – São símbolos. São justamente símbolos. O que eu faço não é errado.

MORADOR – Essa eu já ouvi! “Lutar não é crime”. Acertei?

BLOC – É claro que é crime. Esse é o problema. A lei e o crime são estátuas também. Também precisam de alguém que as derrube.

MORADOR – Por isso que o gambé te chamou de terrorista. Você falando, dá até medo.

BLOC – Você vai me entregar?

MORADOR – Eu salvei sua pele, não salvei? E a comida estava gostosa. Fica tranquila. Mas toma cuidado, porque eu não vou ficar estourando saco toda noite pra te ajudar. E o meganha já está esperto. (*Entra o Trabalhador do Município, vestindo EPIs, com um esguicho d'água. Ele olha para o cocô do Morador, suspira e lava o pé da estátua. Sai.*) Acho que tem alguma lição nisso. (*Bloc bota seu capuz e veste suas luvas e óculos.*)

BLOC – Me ajuda com isso?

MORADOR – Pode deixar que eu acho com quem dividir. Boa dança, moça. (*Morador distribui as marmitas e os panfletos para o público próximo. Bloc se encaminha para a estátua.*)

Quadro 3 – Você é o que você come

(*Uma luz fria brilha de dentro da estátua, vazando pela sua base e por seu rosto. Sons de sirenes, carros e tiros. Sons metálicos caóticos. Num movimento coreográfico, Bloc lança uma corda em seu pescoço e puxa com força. Policial a vê e ataca de cassetete, fazendo-a fugir. Antes que retome o posto, ela reaparece do outro lado da cena, atirando pedras contra a estátua. O Policial vê e dispara três vezes contra ela, que esquiva e foge. Policial vai atrás, mas a perde de vista. Novamente entra Bloc, e coloca uma bomba caseira no pé da estátua. Antes que ela esteja pronta, o Policial a vê e persegue. Foge, dessa vez para junto do Morador. O Policial tenta desarmar a bomba. Barulho de explosão, e o Policial é arremessado longe. Se levanta e volta para o posto. Luz e som voltam ao normal.*)

MORADOR – Está indo quase bem. Por que você não descansa um pouco aqui?

BLOC – Eu só preciso encontrar uma brecha. Distrair a vigilância.

MORADOR – Minha amiga, você não está entendendo que a vigilância está cada vez mais moderna, o Estado cada vez mais sofisticado e diluído no poder empresarial, e a ação direta cada vez mais impossibilitada pelos aparatos de repressão? Olha lá! (*Entra o Trabalhador do Município, vestindo EPIs e carregando uma placa onde se lê “Proibido Destruir”. Ele fixa a placa em frente ao monumento. Sai.*)

BLOC – Tem que ter um jeito.

MORADOR – Você já tentou se ver na estátua?

BLOC – Como assim?

MORADOR – Observe. (*Caminha até a estátua. Acena para o Policial, que finge que não vê. Defeca dentro de uma sacola.*) Não pare de olhar, porque aí vem a melhor parte! (*Se limpa como pode, amarra a sacola e toma alguma distância. Atira o saco de cocô na estátua, deixando toda coberta*) Na mosca! (*Voltando para o canto com os cobertores.*) Ou melhor, no verme.

BLOC – Eu não entendo.

MORADOR – Eu sou merda, minha amiga. Sou um dejetto desse sistema. Eu me vejo como merda. Mas até uma merda como eu pode se levantar e protestar, contanto que queira estar no rosto das estátuas. Você me disse que este mundo tenta me exterminar todos os dias. Ele não me extermina, ele me produz. E sendo um subproduto degenerado desse mundo, é do meu próprio dejetto que eu faço arma e bandeira, e em medidas extremas até alimento. Quando busco assumir o rosto das estátuas, sujar a sua limpeza higiênica higienista eugenista esteticista com aquilo que ela marginaliza, o poder de repressão finge que não vê, e dentro disso posso criar espaços de ruptura, experiências quiçá autônomas que não destroem este mundo, mas criam possibilidades estéticas de vivências de mundos distintos dentro e contrariamente a este.

BLOC – Por que você está sendo tão abstrato?

MORADOR – Porque eu sou uma personagem abstrata, um recurso poético narrativo do autor, que acredita na sua luta e nos seus métodos, mas que entende que é preciso pluralizar as ferramentas estéticas para combater o sistema... se eu disser “capitalismo” vão chamar isto aqui de panfletário? Você quer começar um incêndio, minha amiga, comece um incêndio, mas perceba que os aparatos de repressão se atualizam o tempo todo, e para derrubar estátuas temos que mobilizar mais do que o confronto direto, mas os afetos, a linguagem e sobretudo a estética da nossa forma de ação no mundo, de ação que produza mundos, de subjetividade, mas também de coletividade. É preciso entender a abstração. É preciso aprender a ser a abstração.

BLOC – Ser a abstração?

MORADOR – Sim. Não te estranha que só quem tenha nome nesta representação seja o Grande Bandeirante Nobre Bandeira, enquanto você e eu não? Ele é a identidade. Nós, a ação. Até o Policial ali representa os vários policiais que montam guarda defendendo o patrimônio da elite contra a população. Uma função, não um sujeito. Uma alegoria um tanto velha e antiquada, ainda assim eficiente, de tudo aquilo que te impede de simplesmente entrar neste teatro com uma serra e arrancar a cabeça de um bandeirante.

BLOC – Personagem abstrata, eu não vou arredar o pé da ação direta.

MORADOR – E nem eu quero que você faça isso. Preciso que você me ensine, e alcance onde eu não alcanço. Não me entenda como um narrador. Não sou a prova de que está errada. Sou um contraponto. Não sei. Suponho. E mais do que tudo, torço.

BLOC – Te entendo. Na abstração e na estética podemos trabalhar juntos? Este é o momento em que você me olha como quem olha para alguém que tem um plano. Que a representação nos leve para um novo dia.

Estásimo – Três operários anacrônicos

(Luzes de giroflex e tons oníricos. Sons metálicos caóticos. Sons de metal batido, como em uma construção. Ouve-se alguns miados. Os atores e a atriz que representam Morador, Bloc e Policial assistem de onde estão. Entram os Três Operários Anacrônicos, com boinas, suspensórios e ferramentas agigantadas, vestidos em tons pastéis. Um deles carrega um gato preto, e o solta assim que chega ao centro da cena. Movem-se em torno da estátua como se a estivessem construindo e reconstruindo. Os letreiros transmitem slogans ufanistas. Som de sirene do fim do expediente. Os três, exaustos, viram-se de costas para a estátua. Suas respirações se tornam ofegantes de maneira crescente, raivosa. Seu vigor se recupera. Começam a espreitar o monumento, com gestos agressivos. Os letreiros passam a transmitir chamados de socorro à polícia. Um operário salta em direção à estátua, para golpeá-la com sua ferramenta. Som de tiro. Cai estendido no chão. Os letreiros transmitem um chamado ao pessoal da limpeza. Os outros dois cravam suas ferramentas ao pé da estátua e recolhem o corpo do companheiro. Saem.)

Quadro 4 – Em obras

(Bloc entra ao centro sem capuz, luvas ou óculos, e usando os EPIs do Trabalhador do Município. Traz canos e juntas. Ela retira as ferramentas cravadas ao pé da estátua.)

POLICIAL – É da prefeitura?

BLOC – É da cidade. *(Crava um cano ao pé da estátua.)*

POLICIAL – Não vai danificar nem remover o Nobre Bandeira, né? É proibido destruir.

BLOC – Não se preocupe. Hoje eu vim para construir. *(Começa a construir uma estrutura em torno da estátua, como um andaime. Depois de pronto, entra gargalhante o Morador com seu saco*

de lixo, e de dentro dele tira pequenos ninhos e viveiros de pássaros, que arremessa para Bloc. Ela os pendura em diferentes pontos do andaime. Sons sublimes de canto de pássaros começam a surgir e crescer. Sons de pombo lentamente se sobressaem aos demais. O Policial se afasta. Os pássaros o espantam. Sons de gases e de fezes começam a crescer, e um delicado cheiro fétido pode ser sentido. De diferentes pontos da estátua, pode-se ver o cocô dos pássaros escorrendo.)

MORADOR – Nós, bichos podemos cagar onde quisermos...

BLOC – É um monumento aos monumentos. Que as mãos, os pés e os falos sujos de sangue dos bandeirantes e de outros tiranos sejam lembrados, com o fedor e o escracho que se devem. Que não haja dúvida de que Nobre Bandeira não foi um herói. E que o futuro dele, de quem se espelha nele, de quem segue o seu caminho, é ser transformado em uma pedra de gosto estético duvidoso, e recoberto de merda todos os dias, para que todos vejam e tampem seus narizes. Que sua memória seja esta.

MORADOR – Eu estou orgulhoso. Você está satisfeita?

BLOC – Não.

MORADOR – Mas seu monumento...?

BLOC – É uma merda. *(Ambos riem. Silêncio.)* Ainda é um monumento. Uma estátua é onde os pássaros vem para pousar. Nunca será onde eles vão para voar.

MORADOR – Mas nós construímos juntos.

BLOC – E podemos destruir. Fomos nós, pessoas de baixo que fizemos este mundo para os de cima. Podemos fazer outro, e melhor.

MORADOR – Você sabe que a elite vai destruir o mundo antes de deixar que alguém construa um novo.

BLOC – Não vai se nós destruímos primeiro.

MORADOR – E as ruínas?

BLOC – Quem aqui tem medo de ruínas? Eu já disse. Quero começar um incêndio. Mas agora tudo o que sinto é sede. Brinda comigo? *(Pega da plataforma de tijolos duas garrafas de bebida com um pano atochado em suas bocas. Morador puxa um isqueiro e ascende os dois coquetéis. Os dois brindam, tomam sua distância do monumento dentro do monumento, e fazem menção de arremessar.)* Essa merda toda um dia vai queimar. *(Bebem o fogo de suas garrafas refrescantemente até a última faísca.)*

FIM

Submetido em: 05 ago 2021 | Aprovado em: 20 out 2021